

NÍVEL DE INTELIGÊNCIA**



©Mykola Velychko/PhotoXpress



Marcelo Freitas*

É impressionante como a maioria dos gestores educacionais se queixa da falta de tempo e do constante “apagar incêndios”. Eles sempre dizem que a rotina da escola é intensa, que vivem no operacional e não conseguem trabalhar de maneira proativa, antecipando-se às situações e exercendo um papel mais estratégico. O fato é que estão sempre atuando num esforço reativo às mudanças no ambiente organizacional. Além de comprometer recursos e aplicá-los de maneira inadequada, respondendo a um movimento da concorrência ou à mudança no perfil dos clientes, a gestão reativa é aquela em que não se consegue vislumbrar um horizonte de chegada.

Para atuar proativamente e se antecipar aos fatos, entretanto, é importante que esses gestores utilizem, de maneira eficaz,

os dados e informações subliminares que eles escondem. Com o advento dos sistemas informatizados e das redes de relacionamento na internet, a possibilidade de acesso a essas informações é cada vez maior. Entretanto, para extraí-las e transformá-las em conhecimento e estratégias de negócios, é necessário garimpar, ou seja, é preciso entender o que esses dados dizem.

É aí que entra o que se convencionou chamar de *inteligência competitiva*, ou *inteligência estratégica*, como preferem alguns. O conceito nos remete à atividade de coletar, organizar, analisar dados e informações, sempre de maneira ética e legal, culminando na incorporação de conhecimento sobre os concorrentes e o ambiente em geral. É pela utilização das prá-

ticas de inteligência competitiva que os gestores conseguem ler as entrelinhas dos dados, páginas da internet e informações colhidas através de contatos, em geral. É possível identificar, ou deduzir, qual a estratégia do concorrente, a direção dos ventos do mercado e, a partir disso, se antecipar às mudanças.

A maioria dos gestores, entretanto, trabalha apenas com os dados brutos, aqueles sobre os quais não se retira nenhum tipo de análise mais apurada. A utilização de um sistema de inteligência competitiva visa, portanto, a transformar dados em informações, e estas em inteligência de gestão. Ou seja, informações estratégicas capazes de direcionar movimentos estratégicos diante da concorrência e do ambiente organizacional.

É pela utilização das práticas de inteligência competitiva que os gestores conseguem ler as entrelinhas dos dados...

Mas onde conseguir esses dados? Bem, imagine a quantidade de informações armazenadas na Secretaria da escola. Você, gestor, utiliza-as de maneira estratégica? E aqueles dados colhidos nos sites dos concorrentes? O que me dizem, então, das redes sociais, uma inesgotável fonte de informações e perfil de comportamento e tendências?

Com a aplicação dos sistemas e processos de inteligência competitiva, as decisões tornam-se mais focadas, permitindo a aplicação dos recursos de maneira mais assertiva e tornando, assim, os movimentos es-

tratégicos realmente eficazes. Mas isso não é tudo. Imagine utilizar os dados e informações coletados pelo sistema de inteligência para subsidiar o andamento das aulas, no seu dia a dia, tornando-as atualizadas em tempo real.

Nas últimas duas décadas, foram criados os conceitos de armazém de dados (*data warehouse*), mineração de dados (*data mining*), CRM (*Customer Relationship Management*) e outros, visando à obtenção, extração e análise de dados. Esses conceitos, entretanto, são apenas parte do processo. É igualmente importante olhar para fora da organização, para as ações dos concorrentes, as alterações na legislação do setor, as inovações tecnológicas nas diversas áreas do conhe-

cimento, movimentos da economia, enfim, tudo aquilo que possa contribuir para antecipar as ações de neutralização dos competidores ou os movimentos do ambiente de negócios.

É por isso que, ao me deparar com aqueles gestores educacionais que sempre questionam e se lamentam por circunstâncias adversas, digo a eles que as situações-problema com que hoje se deparam eram previsíveis para quem estava atento ao ambiente competitivo. Bastaria utilizar alguma ferramenta de inteligência para se chegar às informações necessárias.

Como regra geral, podemos perceber, claramente, que os produtos educacionais estão vivendo um momento crítico em todo o mundo, em virtude das mudanças aceleradas e da consequente alteração nos paradigmas que regem a sociedade atual. O modelo educacional em vigor, é bom lembrar, foi baseado na sociedade industrial de dois séculos atrás. É necessário, portanto, reinventar a educação e os processos de ensino-aprendizagem demandados por uma população em constante movimento e integração.

No âmbito da gestão educacional, conhecer os movimentos da concorrência e do mercado nunca foi tão importante para produzir inovações. Uma sociedade que demanda novas formas de ensinar e aprender, capaz de acompanhar o ritmo alucinante das mudanças globais, não pode se apoiar num modelo exaurido, como o atual.

É por essas e outras razões que, nos processos de reestruturação e planejamento estratégico de escolas e redes educacionais conduzidos pela Corporate, procuramos dar ênfase aos sistemas de informação e inteligência. Acreditamos que é com o auxílio deles que os movimentos estratégicos e as inovações devem se sustentar.

E você, caro gestor, responda com sinceridade: qual o nível de inteligência da sua escola? ■

*Consultor da *Linha Direta*, diretor da Corporate Gestão Empresarial

**Colaboração especial: Sérgio Portugal

www.corporateconsultoria.com